

# ROSTK

alexandre  
daskalos

Capa de  
Victor Palla



LUCIO LARA

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

ALEXANDRE DÁSKALOS

*Colectânea  
de  
poemas*

LISBOA  
MCMLXI

4284 01393

# COLECCÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO  
E  
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António  
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luan-  
dino Vieira  
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos  
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)  
N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso  
N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade  
N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima  
N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)  
N.º 9 — *Poemas* de António Jacinto (1961)  
N.º 10 — *Poesia* de Alexandre Dáskalos (1961)

Al. Lucio Amigo  
com um abraço  
do  
L. L. D. L.  
16/11/1962

## NOTA BIOGRAFICA

*ALEXANDRE MENDONÇA DE OLIVEIRA*  
DÁSKALOS nasceu em Nova Lisboa, a 26 de Janeiro de 1924 e faleceu, com 37 anos, no Caramulo, a 24 de Fevereiro de 1961.

Era formado em Medicina Veterinária e Assistente do Laboratório Central de Patologia Veterinária em Nova Lisboa, sendo autor de vários trabalhos científicos.

A selecção que ora se apresenta incide sobre a sua produção poética, desenvolvida praticamente entre os anos de 1943 e 1953.

Colaboração em *MENSAGEM*, órgão da Casa dos Estudantes do Império. Figura em «*POETAS ANGO-LANOS*», colectânea de *Carlos Eduardo* para a C. E. I. (1959).

## PREFÁCIO

A publicação dos poemas de Alexandre Dáskalos reveste-se de grande importância no quadro da poesia angolana. Se, na verdade, não são muitos os poetas angolanos, não deixam eles de afirmar, contudo, uma posição de vincada angolanidade, não só na invocação de uma terra-mãe — que poderia dar um sentido apenas telúrico a esta poesia — mas também na estruturação política do canto. É deveras importante ultrapassar o mero reconhecimento telúrico para podermos compreender, com a amplitude necessária, as incidências das alienações que os poetas sentem. O estudo das estruturas poéticas angolanas mostra bem como da poesia preconceituosa do «branco» (e podemos dizer que alguns poetas negros se deixaram arrastar por esta tendência minorizadora), passou-se para a poesia de descoberta de Angola e, num movimento irreversível, passamos a encontrar o poeta consciente dos significados das vivências angolanas. Alexandre Dáskalos compreendeu bem cedo a sua posição dentro deste quadro.

Com efeito deparam-se-nos, na definição das vivências angolanas, e dos significados antropológicos do estar-no-mundo, dois caminhos paralelos que, em certos pontos, se chocam, embora se completem. De um lado encontramos os autores não naturais de Angola, mas que a ela aderem por razões de vária ordem, entre as quais avultarão, naturalmente, as sentimentais e as culturais. Bom

exemplo das primeiras será a poesia que António Botto realizou na sua breve passagem por Luanda e Tomás Viera da Cruz, poeta notável dentro de conceitos limitados, por certo, mas que definem um estágio necessário de uma consciencialização que marchou lentamente, mas que está agora a iniciar o desfibramento dos liames mais íntimos. Exemplo da aderência cultural será o caso de José Augusto França (autor, não só de «Natureza Morta» mas, sobretudo, dos três notáveis contos que, em «Despedida Breve», tentam uma conjugação dos elementos existenciais da situação do «colono» e do «natural»), ou o de Maria da Graça Freire (com «A Primeira Viagem»). Os autores desta fase cultural só podem ver Angola de fora para dentro e a sua angustiada perplexidade perante o homem de cor, mostra-nos quanto uma inventada esfinge poderia perturbar o entendimento de quantos contactavam em Angola com uma grave e ineludível realidade humana.

Creio não ser habitual entrever o problema com esta estrutura, mas não será difícil reconhecer a sua validade quando pensamos na, apesar de tudo, inautenticidade actual desses livros. Referem-se eles a uma realidade que não só foi ultrapassada, mas, mais ainda, radicam-se numa marginalidade humana que não é hoje viável. O racismo visceral a que se reportam todos estes autores é o responsável pela criação de personagens negras (ou mestiças) viciadas na sua originalidade mais profunda. O homem negro desaparece, por isso mesmo, esmagado por uma capa de preconceitos que o transformam no objecto alienado por excelência. O compromisso efectivo das noções de finitude ou infinitude da cor, o jogo dialéctico decorrente desta circunstância, eliminam cada vez mais os autores que pretendem entrever o exótico onde apenas existe o humano. Fica assim enunciada a viragem mais significativa operada no trã-



sito dos problemas humanos de Angola, que pressupõem não apenas uma *negritude* mas, acima de tudo, uma *angolanidade*. Se em Alexandre Dáskalos vemos surgir a afirmação de um conhecimento objectivo das alienações que pesam sobre o homem negro, não deixa de reconhecer também as alienações que, paralelamente, transformam o angolano branco num homem circunscrito a um mundo viciosamente deturpado e impossibilitado, por isso mesmo, de ascender à sua própria integridade. Daí que, acima de tudo, haja em Dáskalos uma «angolanidade» bem referenciada.

A sua poesia é, por isso, um tentame, pois não chega a concretizar-se numa realização estética apurada. Procurava ele definir a matéria poética que um poeta angolano podia tratar sem trair a sua própria origem. E, arrasado por esta necessidade, descurou, naturalmente, o lastro estético do próprio poema. Se é certo que podemos entossá-lo numa corrente neo-realista de cunho português, parece-me falso, no entanto, recorrer a esta fácil solução do problema. Alexandre Dáskalos tentava prescrutar, dentro das dimensões humanas do seu mundo, os elementos mais especificamente significativos. A pesquisa desta especificidade não podia compadecer-se com um trabalho contínuo do verso, ou do poema que, desta forma, se apresenta como um bloco inatacável na sua mesma intencionalidade. Mas não descuidou, não quis descuidar, o que lhe importava mais no campo da afirmação ética pois que, nos seus versos ásperos, respira sempre um homem que não quer ser mais do que um homem visceralmente ligado à sua terra. Um poeta telúrico e pelágico, oscilando entre verdades que ainda não estavam completamente definidas no conjunto das afirmações humanas. Eis que, nele como noutros poetas da sua geração, a conjugação da sua realidade branca com a decisiva realidade negra da sua terra se encontravam

frente a frente, necessitada de uma síntese final e harmônica que não compromettesse nenhuma virtualidade. Este respeito pela integridade do valor humano, em qualquer circunstância, é também uma característica da poesia de Alexandre Dáskalos, que nunca se quis deixar iludir pela fácil melodia do poema.

A observação anterior força-me a considerar o aparente canhesrismo do aparelho estético de Alexandre Dáskalos, que não é mais do que a vontade de dizer, com a crueza necessária, as coisas mais importantes que tinha para dizer. Digamos que tentava — tentou sempre — descobrir as coordenadas fundamentais que servissem de esteio indestrutível à sua mesma angolidade. Diga-se, desde já, que Alexandre Dáskalos tinha uma alertada consciência da sua posição no mundo e se algumas vezes se refere ao passado, é dentro de uma consciência crítica do próprio movimento histórico que lhe serve, então, para descobrir o maquinismo que dá origem ao presente. A sua afirmação fundamental é de que *o mundo que nos leva / vai / não fica à nossa frente*, marcando, deste modo, a intimidade profunda e indestrutível entre o homem e o meio ambiente. Afasta, assim, o mito da pura natureza, mostrando que, pelo contrário, o homem actua sobre a natureza transformando-a, o que lhe dá a possibilidade de modificar as condições da sua existência. É assim que o homem, forçado pelo jogo dialéctico, se transforma a si mesmo. E também deste modo entendia Alexandre Dáskalos a visceral ligação entre o homem e o mundo; a articulação das duas forças determina a coerência da sua *angolidade*, na medida em que entendemos a sua luta contra a alienação. A ciência do homem fica então evidenciada e o poeta pode, nessas circunstâncias, recusar qualquer espécie de fatalismo, que aparece como teórica e praticamente inaceitável. Quando nos fala da *força bruta a domar montanhas*, pretende

dizer-nos que são necessários *homens / que não neguem / a sua condição*. Recusadas são, portanto, as formas de desenvolvimento capitalista ou burguês, na medida em que se apoiam na negação sistemática de um homem — branco ou negro tanto faz, para a tese de Dáskalos. Procura por isso descobrir a mentira inerente aos fatalismos sociológicos, corrompendo, necessariamente, todo o aparelho que garante a permanência de uma *ideologia* que, negando o homem, acabava por negar a própria realidade angolana.

A sua compreensão dos problemas mais latamente africanos surge desde o seu primeiro caderno de poemas e vê-mo-lo falar de uma raça apunhalada: *A serra Leoa / a praia Morena / toda a costa de África, / a desdobrar-se na arena / numa raça apunhalada*. O negro é o objecto manuseado por todas as formas de preconceito branco, que o encara como uma mercadoria, ou apenas como a mão de obra indispensável para arrancar à terra de África, na generalidade, e à terra angolana — particularmente — as riquezas essenciais. Na verdade o negro contratado, que vai cumprir os seus anos de desterro amargo nas roças de cacau e café de S. Tomé, é encarado apenas do ponto de vista de uma rentabilidade que dependerá directamente da sua robustez. Tal transparece no poema de Alexandre Dáskalos, da mesma forma que surge num poema de linha idêntica de Mário Pinto de Andrade. Mas o poema impressionante da última fase poética de Dáskalos é, em boa verdade, aquele em que se canta a «mulher-negra», não como a fonte de todas as belezas (como sucede em Leopold Sedar Senghor), mas sim como a *mulher sofredora / sem lágrimas de pranto / cadela de filhos roubados / afogados e açaimados*, que acaba por constituir o elemento cupular de uma poesia constantemente revoltada. Palavra esta que merece ser posta em destaque, na medida que, em nenhum

momento, mesmo nos mais abandonadamente líricos, Alexandre Dáskalos deixa de reflectir a verdade angustiada da sua situação, da situação do homem, no fim de contas. É por isso que a sua voz é das mais autênticas dentro do sentido de uma descoberta de Angola que viria a exigir uma *angolanidade* mais do que poética, política e, como consequência fatal, revolucionária.

Dáskalos sabia que estava num grupo de pioneiros e, por isso, procurou, em primeiro lugar, o material para os versos. Daí que, muitas vezes, haja qualquer coisa de monolítico, de informe até, na sua poesia. Mas esse monolito está, em verdade, radicado na terra angolana e as suas palavras dirigem-se sempre ao centro de tal verdade, a primeira e única que lhe interessam e fazem dele um dos grandes poetas da *angolanidade* revolucionária que efectivamente é.

ALFREDO MARGARIDO

Quando eu morrer  
não me dêem rosas  
mas ventos.

Quero as ânsias do mar  
quero beber a espuma branca  
duma onda a quebrar  
e vogar.

Ah, a rosa dos ventos  
a correrem na ponta dos meus dedos  
a correrem, a correrem sem parar.  
Onda sobre onda infinita como o mar  
como o mar inquieto  
num jeito  
de nunca mais parar.

Por isso eu quero o mar.  
Morrer, ficar quieto,  
não.  
Oh, sentir sempre no peito  
o tumulto do mundo  
da vida e de mim.

E eu e o mundo.  
E a vida. Oh mar,  
o meu coração  
fica para ti  
Para ter a ilusão  
De nunca mais parar.

## a p ê l o

O meu íntimo é uma catedral  
que ninguém viu.

Dá-me a tua mão e vem.  
Guiar-te-ei por ela.

A tua outra mão acenderá os círios  
nos recantos escuros das naves sombrias  
onde a luz que se filtra  
pelos vitrais dos teus olhos  
ainda não chegou.

Dá-me a tua mão e vem.

Todas as imagens do silêncio, paradas,  
se libertarão no brilho  
do seu verdadeiro fulgor.

Pan tocará de novo  
pela flauta antiga.

E assim iremos,  
erguidos do fundo de nós próprios,  
com seiva de raiz à flor dos lábios,  
correr a campina,  
colher as flores.

Sejamos nós  
como a primavera que se oferece...



## crepúsculo

Nas horas paradas, indecisas  
em que os olhos olham  
a mesma cor no mundo  
e, uma ténue claridade se suspende  
no céu, entre o Sol e as estrelas...  
no compasso de espera,  
ainda dia e não sei se noite,  
é que acorda o nosso coração.

E tange  
a mesma canção amarga,  
que vem das árvores,  
dos pássaros, da gente  
e onde a síncope da noite  
colhe  
um a um

todos os gestos.  
Deixou de brilhar a água  
translúcida do lago.  
A árvore sustém na copa de sombra  
os ramos que apenas sabem que vacilam.  
Os pássaros são pios  
gravados na memória  
e em redor.

Percebem-se ainda os passos  
da mulher que desce a rua.  
O resto, é um traço vago  
desenhado em reflexos baços  
na penumbra.

Tudo se retrai e assusta  
como num princípio de Vida.

Somos crianças e vamos  
levadas por um destino comum  
de sombras informes.  
Mistério que somos  
de nada e além  
em agigantadas perspectivas de Morte  
confundindo-se no mármore frio  
de místicos temores...

...E a Vida continua.  
Serena se levanta  
do fundo da memória  
nos ramos que se agitam,  
nos pássaros que voam.  
E balbucia e traça e canta  
a mensagem futura  
para embalar o dia que vem  
na aurora distante.

Não peças palavras:  
É voz o vento e o seu perdido rumo.  
O silêncio quebrou-se entre mitos  
onde quisemos apagar as nossas incertezas.  
Silêncio para a dor  
para o amor e para a vida:  
A boca renega o que a razão não dita.  
Só no silêncio o coração murmura  
e deslisa a vida para o que a alma quer.  
Abre em grandeza o mais pequeno gesto  
pagando dívidas de amor.  
E escorre o mais pequeno gesto  
para a grandeza  
em que o amor se tem.

E nasce na flor entreaberta  
o pólen de todas as virtudes.

Só no silêncio o amor desperta  
e abraça a dor como um destino  
de resignado pranto.

Só no silêncio a vida se descobre.

## l e i

Livre, livre mas sem asas.  
Homem apenas.  
A fronte erguida  
o olhar em frente  
o lábio a sorrir  
para a manhã...

Os passos  
apenas vão seguindo  
o que na rasgada treva se adivinha...

Os braços construindo  
o que é flor, e é fruto,  
e é semente,  
e flor e fruto  
de amanhã...

E vamos:  
o mundo que nos leva  
vai,  
não fica à nossa frente.

## d e s p e r t a r

Acorda,  
erguido como o sol sobre as montanhas...

Estende os braços  
à vida que te chama,  
e canta!...

Vai!...  
E de cabelo ao vento,  
constrói a vida pela raiz da dor no fogo das entra-  
[nhas.

Vai!...  
E que os olhos  
e os lábios  
vejam e saibam  
do fragor da luta...



Filho da terra que te deu o ser,  
corre no impulso da enchente  
tropical  
dum sangue quente,  
e em tempestades de amor  
troveja e geme  
na alegria de lutar  
e de viver!

Sereno como o rio  
que volta ao leito,  
dá-te para os outros  
— Seu irmão —  
Irmãos que sejam como tu:  
dos pés à boca  
homens  
que não neguem  
a sua condição...

Há lobos  
dispersos no caminho...

E vai,  
a fronte juvenil  
erguida  
engrinaldada ao sol,

a Vida  
confiante ao punho  
dessas mãos viris...

Irmãos, vinde!...  
o sol ergue-se nas montanhas.  
A vida não se fecha,  
a todas faz florir...  
a vida tem de ser aberta —  
sejamos nós o fruto e a oferta  
da árvore do porvir...

Há-de vir.  
Não importa  
que seja amanhã  
que foi ontem.  
Só importa que venha.

Basta a certeza da chegada.  
Vê-la como a montanha  
a seguir na estrada  
que a rodeia.

É certo o caminho,  
incerto o tempo da jornada.  
É certa a montanha  
mais nada.

## princípio

A vida tem de ser de gestos largos,  
De força bruta a domar montanhas.  
Murmúrios, queixas e afagos  
Só para os filhos ainda nas entranhas...

É preciso transpor num só poema  
A transcendência ciclópica do Ser:  
Voar, cair, erguer, e num mesmo lema  
Largar, prosseguir, vergar, vencer...

Tudo se gerou para ser nado.  
O infecundo morreu quando se viu  
Infecundo, aborto e renegado,  
No homem que o pariu...

A semente apenas para a terra  
Que a der e a receber! ...

Ah! carinhos de mãos para a semente  
E afagos de mãos regando o solo;  
Afagos à mulher prenhe e doente  
E da mãe ao filho que traz ao colo.

## m a n h ã

Erguida do fundo das águas plácidas  
dum lago surge Mulher.

Limos na pasta dos cabelos  
escondem o mistério dos olhos  
olhando a curva do seu ventre.

Flutuando

entre sombras e reflexos  
duma luz longínqua,  
a forma dos braços  
ganha o mais e mais fundo das águas.

Os seios erguidos  
apontam ao longe  
a aurora que vem.

Em volta

musgos, líquens, algas,  
em fosforescências arbóreas

de constelações que lembram  
os recessos da vida.  
Em plantas aquáticas, marítimas,  
chegam-lhe da floresta  
lutas de homens, desesperos e cansaços,  
feras e povos divididos, misturados  
confundidos  
para a sua criação.  
E tudo esquecido ou ignorado,  
só no lago  
o corpo erguido,  
jovem,  
abrindo nas sombras o seu perfil que nasce  
o seu perfil de Mãe  
dos Homens do futuro.

## descoberta

Viu-se em caminhos escabrosos e sombrios  
quem se julgara por estradas amplas.  
Teve o bordão do último mendigo.  
Naufragou, mas mesmo assim se julgou vivo.

Foi.

Nem alegre nem triste...

Sobre o peito a âncora

da ânsia para a terra Prometida.

E terras, vales e céus, ares e montes  
percorreu, e julgou ter atingido.

Mas caiu

porque a terra lhe faltara.

Inconsistente no seu próprio sonho  
mergulhou fundo na ilusão  
do que buscara.



A deriva  
a nau, metendo água,  
despedaçada, que a tempestade  
vibra golpes no casco  
altos e certos...

Mas foi e segue  
para um rumo e,  
parada que se viu, ali ficou.

Ilha.  
Ilha mas sòzinha, tão deserta.  
Se é a terra Prometida,  
que sentido teve então a caminhada?  
É seguir, é seguir,  
uma voz lhe dita.  
E se parar, que fique  
lá onde as forças lhe faltarem.

Há sempre na distância que se cumpre  
outro céu, outro ar, outra paisagem  
na aridez da terra, ou no ar,  
em que se encontre.  
Sempre haverá o que se busque  
embora o que se busque não se encontre.

## condição humana

Não fiquemos  
abaixo dos olhos da manhã:  
às pupilas deram sonho,  
na cor e fantasia...

A mesma cor,  
ou outra cor,  
que importa?  
O mundo  
canta bem fundo  
em todo o coração:  
A voz singela  
da natureza, da criação...

A terra-mãe tem dispersão.  
E a unidade

sai do seu ventre;  
e o seu ventre  
come das bocas e dá às bocas  
o mesmo pão...

# buscando rumo

## I

Fui buscar o sol  
pela planície ampla  
e na planície vejo pègadas:  
um povo em êxodo ali passou.

Sobre os meus ombros  
o sol,  
sob o meu olhar  
o firmamento sem fim do sofrimento  
que o silêncio do ar parado  
sequestrou.

Onde a tua glória, Sol?  
A minha libertação deserta

e o esteio da minha caminhada  
gravado neste chão também ficou...

Ilusão a marcar outra ilusão...

Que não vá ninguém.  
Mas que não fique  
com o olhar parado num desejo.  
E não pode, peregrino,  
buscar a luz da alma liberta  
se ela se apaga no caminho.

Mas que fazer?  
Ah! que fazer?  
Cruzar os braços e deixar  
a fome dos desejos e os cansaços  
matarem bem no fundo a nossa ânsia?

...Deixar assim correr os passos  
Sem destino e sem rumo?...  
...A que florestas de alma,  
ignoradas,  
se conduzem assim os nossos passos?...  
Que imprevisto de sensações  
e de desejos  
vem beijar o porvir da manhã pura  
sem nada acalentarem nossos braços?...

Ficar na estrada,  
na estrada só, parado,  
não sentir a asa dilatada  
do ar, da brisa, da luz  
em convulsões?...

NAO!  
Eu amo a vida!  
E NÃO,  
o próprio sol me dita  
o seu rumo.  
E vai e avança e caminha  
lançando as sementes do futuro.

O sol que pela noite se perdeu  
despontou ao abrir da madrugada.

## II

Só existe  
o que amanheceu.  
Depois é fruto e é semente.  
E a semente é do fruto

um quase nada.

Só a semente de novo amanheceu.

Subir à planície eis a vitória

mas o anseio aqui já não ficou.

É preciso procurar outro destino

à semente que o fruto em si gerou.

A vida banhada em Sol é que dá vida.

## p o r t o

Havia nos olhos postos o sentido  
de não vencerem distâncias.

Calados, mudos, de lábios colados no silêncio  
os braços cruzados como quem deseja  
mas de braços cruzados.

Os navios chegavam aos portos e partiam.  
Os carregadores falavam da gente do mar.  
A gente do mar dos que ficam em terra.  
As mercadorias seguiam.

Os ventos, dispersos na alma do tempo,  
traziam as novas das terras longínquas.  
Segredavam-se em noites e dias  
a todos os homens  
em todos os mares



e em todos os portos  
num destino comum.

Os navios chegavam ao porto  
e partiam...

I

Da boca da noite surgiram mendigos.  
Vinham com a ganga dos operários  
o terno dos escriturários  
o vestido das dactilógrafas  
e os sapatos duma miséria limpa...

E os ombros foram frágeis e fortes  
a suportar o mundo.  
Tudo se deu  
para restar apenas a virtude  
de ter sobejado a vida.

A vida:  
— Miséria e fome.  
A vida a bater a asa do alento  
na coragem do dia a dia.

Vida de olhos vagos  
de paisagens despida.  
Vida, sem aroma  
e sem fruto  
suportando-se apenas.

Vida-narcótico  
de festas, cinemas,  
afogando cuidados de hoje  
e de amanhã.

Vida de traços vagos  
e confusos  
a amortalhar o cérebro  
num sonho místico  
de formas múltiplas sem grandeza.

Ânsia de jazz  
de ritmos partidos  
de carne  
sem ossos.

Vida de futilidades  
sempre novas,  
a degladiar desesperos  
mas que de noite acordam

para pesadelos tétricos.  
Vida: — guerras que se levantam  
de ideais sem nome,  
ao fogo dos ideais  
das carnes que consomem  
o homem.

O homem que no desespero acorda  
e põe laivos de sangue  
numa aurora longínqua.

## II

Da boca da noite surgiram mendigos  
vomitados por uma cólera feroz.  
(Vulcão da chama de outros dias,  
dos que não querem esmola).

Apenas no rosto  
a boca torcida.  
Os braços convulsos.  
Um ronco na voz.

Os olhos de chama  
queimando fogueiras ...

Os passos unidos  
de tantas  
em tantas  
pancadas certeiras.  
Rasgavam a noite  
subindo montanhas.

Um canto  
profundo  
agora  
na voz.

A voz dos homens  
que amam a vida  
tal qual ela é:  
de sonho e de carne  
de ideias e luta  
mas vida vivida.

Necessidade humana,  
animal, de comida,  
de braços bem livres  
de algemas na fome.  
Livres como asas de pássaros  
a ganhar a altura

que o cérebro consente.

Livre,

Mais livres espaços  
rasgados da vida.

O caminho aplanado  
do homem

para as eras futuras.

Eis-nos aqui no caminho  
traçado por nossa mão.  
Cada braço traz um punho  
e cada punho um punhal.

Bandoleiros na vida,  
vida errante era o destino!  
Nas costas nasceram traços  
da vida dura, sem pão.

Rugas dos covais da vida  
cemitérios da ilusão!...  
Mortos, mortos mas com vida  
quase à beira do chão.

Quase à beira do chão  
rastejantes, vermes, podres!...  
Pobre miséria do mundo  
só o dinheiro é patrão.

Só o dinheiro é senhor  
dos vermes sujos do chão

Cada verme traz um punho  
Com uma faca na mão.



Foi um golpe certo  
e o corpo caiu de braços  
no areal, ferido.

A noite caiu também  
e nem um grito sequer  
cortou o silêncio perdido.

Apenas um vento agreste  
veio beijar-lhe a fronte.  
A fronte, flor vermelha  
pelo seu sangue vertido.

O cabelo, uma bandeira  
ficou agitado ao vento  
até o dia rompido.

Foi um golpe certo  
Ali de bruços caído.

A noite deu-lhe contornos  
o corpo esticado  
e torcido.

A boca, um fio de sangue.  
À volta, sangue também  
do seu corpo estendido

Mais o silêncio das coisas  
à volta, comprometido.

## v i a g e m

A Serra Leoa  
a Praia Morena  
toda a Costa de África  
a desdobrar-se... na arena  
duma raça apunhalada...

Sertão de feras  
árvores da floresta  
acasalando febres,  
crenças, feitichismos;  
adormecida,  
a razão da gente negra;  
mas, alerta, bem no fundo,  
o sentido natural e pagão da vida...

E o mar a olhar  
a presa fácil:

as caravelas  
bojos de madeira  
a arrostar procelas  
sobre as procelas do mar...

Grito dum olhar na praia  
grito olhado e mudo  
de quem ficou a olhar, a olhar...

A procela negra no porão —  
os chicotes do mar na caravela —

E o mar  
arrastou do mar  
as caravelas

A África e a América e o mar  
o elo da corrente  
a separar e a ligar a angústia  
do gigante caído  
e que se levanta,  
o dorso arqueado para a frente...

Traz um braço viril  
sobre a tez morena  
a cabeça no mar

o olhar no céu  
e os cabelos  
lançam às ondas  
os antigos mitos.

Limos de terra e sal  
sertão e mar ungidos  
sofrendo o culto à vida.

Os continentes  
ali unidos  
no seu corpo  
a razão dos sentidos  
ainda  
na crença adormecida.

Ergue-te  
à flâmula do sol do dia novo,  
esfrega a mão na fronte,  
despe-te para a vida  
e limpo e puro  
lança o olhar ousado  
ferindo o horizonte.

Ergue-te sobre o monte

Batem asas as águias  
em todas as praias  
dos mares distantes  
alvorotadas pelo mesmo arroubo!...  
Calca o oceano, esmaga os montes —  
no rasgo de as abraçares  
fecunda o globo.

Ei-lo

Floresta e mares na frente  
asas do cérebro a cortar os ares.  
Braços de máquinas metálicas, potentes,  
alargam a orgia  
cantam  
o turbilhão da vida  
Despedem canções os lábios  
na roda das crianças  
o ouvido escuta  
as vozes cantam  
e tudo se mistura  
tumultua  
e sai  
na alegria do teu rosto  
aberto à vida livre  
e pura.

## a sombra das galeras

- 2 Ah! Angola, Angola, os teus filhos escravos  
nas galeras correram as rotas do Mundo.
- 4 Sangrentos os pés, por pedregosos trilhos  
vinham do sertão, lá do sertão, lá bem do fundo  
vergados ao peso das cargas enormes...
- 5 Chegavam às praias de areias argêntneas  
que se dão ao Sol ao abraço do mar...
- 2 ...Que longa noite se perde na longa distância!

As cargas enormes  
os corpos disformes.

4) Na praia, a febre, a sede, a morte, a ânsia  
de ali descansar

- 2 Ah! As galeras! As galeras!
- 4) Espreitam o teu sono tão pesado

prostrado do torpor em que mal te arqueias.  
Depois, apenas pestanejam as estrelas,  
o suplício do arrastar dessas correias.

2 Escravo! Escravo!

O mar irado, a morte, a fome,  
A vida... a terra... o lar... tudo distante.  
5 De tão distante tudo tão presente, presente  
como na floresta à noite, ao longe, o brilho  
duma fogueira acesa, ardendo no teu corpo  
que de tão sentido, já não sente.

A América é bem teu filho  
arrancado à força do teu ventre.

Depois outros destinos dos homens, outros rumos...  
Angola vais na sede da conquista.  
Hoje no entrechoque das civilizações antigas  
essa figura primitiva se levanta  
simples e altiva.

O seu cântico vem de longe e canta  
ausências tristes de gerações passadas e cativas  
E onde vão seus rumos? Onde vão seus passos?  
Ah! Vem, vem numa força hercúlea  
gritar para os espaços  
como os dardos do Sol ao Sol da vida  
no vigor que em ti próprio reverberas:



— Não sou cativo!

A minha alma é livre, é livre  
enfim!

Liberto, liberto, vivo...

Mas... porque esperas?

Ah! Mata, mata no teu sangue  
o preságio da sombra das galeras!

## companheiros

Vinde companheiros!  
Que os vossos braços se abram  
aos nossos braços de amigos

— Toma uma cadeira. Senta-te. Conta:  
Desditas, anseios, desventuras  
e desse fulgor ardente que se adivinha  
no teu olhar cavado das viagens  
como uma estrela numa noite morta...

Nós somos todos irmãos.

Ah, quando te invadir a solidão  
e olhares à volta e sentires apenas  
a presença perturbável dos teus ombros,  
não estás só!  
Vem até nós.

Estarás comigo.  
Não será morta a morta esperança  
do teu olhar sem luz.

Mas que fôlego ingénuo na aventura  
te lançou em tão inhóspitos lugares  
deixando assim o teu lar, amigo?  
Não contes, eu sei qual foi. Foi  
essa vontade de produzir, de criar, de vencer...

Oh! nossa terra, oh nossa mãe!  
Como se casam em nós os prodígios  
da tua natureza forte!

O humus inculto das florestas  
brota em nós, freme em nós, canta em nós  
no grito de todos os gritos,  
na ânsia da tua descoberta!...  
O amor dos nossos corações  
transborda da nossa alma  
como a força impulsiva dos teus rios...

Vês, companheiro, eu sou teu Irmão,  
toma a minha mão, dá-me a tua mão.

## desolação

Tudo se foi por água a baixo  
as enxurradas levaram os milhos,  
os comerciantes fecharam a porta,  
os contratados seguiram para S. Tomé,  
as mulheres negras com os filhos pendentes das  
[longas têtas negras  
caminharam pelos desertos da vida.  
Com os olhos enxutos, sem lágrimas,  
viram morrer os filhos  
caídos como os gados pelas pastagens áridas...  
Os cadáveres trouxeram epidemias,  
morreu mais gente,  
e todos morreram  
como se não morressem.

Tudo se passou no silêncio amordaçado da Selva.

Agora,  
em desespero de virgem  
violentada e infecunda,  
grita a terra nua  
a desolação da paisagem morta.

## que é s. tomé

### I

Quatro anos de contrato  
com vinte anos de roça.

Cabelo rapado  
blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné

Eu foi S. Tomé!

Calção e boné  
boné e calção  
cabelo rapado  
dinheiro na mão...

Agora então volto,  
mas volto outra vez  
à terra que é nossa.  
Acabou-se o contrato  
dos anos de roça

Eu vi S. Tomé!

Cuidado com o branco  
que anda por lá...  
Não sejas roubado,  
cuidado! cuidado!  
Dinheiro de roça  
ganhaste-o. Té dá  
galinhas... e bois...  
e terras... Depois  
já tiras de graça  
o milho da fuba,  
o leite, a jinguba  
e bebes cachaça.

Eh! vai descansado,  
dinheiro guardado  
no bolso da blusa.

Que é S. Tomé?

Cabelo rapado  
blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné.

## II

Este mente, aquele mente  
outro mente... tudo igual.  
O sítio da minha embala  
aonde fica afinal?

A terra que é nossa cheira  
e pelo cheiro se sente.  
A minha boca não fala  
a língua da minha gente.

Com vinte anos de contrato  
nas roças de S. Tomé  
só fiz quatro.

Voltei à terra que é minha.  
É minha? É ou não é?

Vai a rusga, passa a rusga  
em noites de fim do mundo.



Quem não ficou apanhado?  
Vai o sono, vem o sono  
vai ó sono  
quero ficar acordado.  
No meio da outra gente  
lá ia naquela corda  
mas acordei de repente.

Quero ficar acordado.

Onde está o meu dinheiro,  
onde está o meu calção  
meu calção e meu boné?  
O meu dinheiro arranjado  
nas roças de S. Tomé?

Vou comprar com o dinheiro  
sagrado da minha mão  
tudo quanto a gente come:  
trinta vacas de fome,  
galinhas... de papelão.

Vou trabalhar nesta lavra  
em terra que dizem nossa  
quatro anos de contrato  
em vinte anos de roça.

Eu foi S. Tomé!

Cabelo rapado  
blusa de branco  
dinheiro no bolso  
calção e boné.

Aiué!

## c a r t a

Jesus Cristo Jesus Cristo  
Jesus Cristo, meu irmão  
Sou fio dos pais da terra  
Tenho corpo p'ra sofrer  
Boca para gritar  
E comer o que comer  
Os meus pés que vão  
No chão  
Minhas mãos são de trabalho  
Em coisas que eu não sei  
E não tenho nem apalpo  
Trabalho que fica feito  
Para o branco me dizer  
«Obra de preto sem jeito»  
E minha cubata ficou  
Aberta à chuva e ao vento

Vivo ali tão nu e pobre  
Magrinho como o pirão  
Meus fios saltam na rua  
Joga o rapa sai ladrão  
Preto ladrão sem imposto  
Leva porrada nas mãos  
Vai na rusga trabalhar  
Se é da terra vai para o mar  
Larga a lavra deixa os bois  
Morre os bois... e depois?  
Se é caçador de palanca  
Se é caçador de leão  
Isso não faz mal nenhum  
Lança as redes no mar  
Não sai leão sai atum...  
Jesus Cristo Jesus Cristo  
Jesus Cristo meu irmão  
Sou fio dos pais da terra  
Um pouco de coração  
De coração e perdão  
Jesus Cristo meu irmão

## mulher negra

Mulher sofredora  
Sem lágrimas de pranto  
Cadela de filhos roubados  
Afogados e açaimados

Mulher do branco  
Prostituta dos matos e das ruas fáceis  
Mulher dos seios amplos cujas têtas  
De loba amamentam filhos  
— Rómulo e Remo —  
Dos espólios do seu ventre  
Mulher besta-de-carga da lavra  
E do pão da boca dos filhos  
Mãe de filhos abandonados  
Amparados nos seus braços  
Estranhos e banidos

No instinto de repulsa  
Das duas cores  
Entre as duas cores  
Do arco-íris da terra  
Entre os seus braços  
O único refúgio  
O certo amparo  
O seguro refúgio  
Dum coração sereno

Mãe

Mulher das longas vigílias da febre  
Do sertão  
Travesseiro e amparo  
Num coração desamparado  
Dando-se sem esperança  
Mulher do corpo gasto  
Sem lábios já para sentir  
O travo da traição  
Mulher que deixa o cadáver insepulto  
As hienas e à noite  
De animal abandonado  
Mãe dos filhos abandonados  
Mãe dos filhos que matam por vingança  
Mãe dos filhos que procuram redimir  
A carne dos pecados do mundo

Mãe do alento da última esperança  
Mãe cujos filhos saberão  
Saber dos privilégios  
Das tuas virtudes  
E dar a mão a todos os homens  
Na face da Terra

Mãe  
Nada pelo que passaste  
E sofreste  
Mãe  
Será em vão

1153

AC-01-C7

*Propriedade e edição  
da família do autor*

Composto e impresso nas oficinas  
gráficas da Editorial Minerva  
Rua da Alegria, 30 — LISBOA



0152  
A-1